

4a. PARTE
PROSA DE FICÇÃO

MUDANÇA OU CONVERSA FRÍVOLA DE VIZINHA

Eduardo Campos

Quando o caminhão de mudança se afastou da calçada, distanciando o arruído dos carregadores, Etelvina se deu conta de que os móveis — não eram tantos — urgiam para ocupar os seus lugares, compondo outra vez a moldura doméstica de lar, o novo, em que ela dali por diante se situaria.

Enfadou-se à perspectiva das providências por tomar, certa de que o dia ia esmorecente; fazia-se noite. Impunha-se-lhe diligenciar o jantar para o filho e ela.

— Meu Deus! — murmurou.

Pôs-se indecisa a ver um e outro retrato emoldurados, largados sobre os móveis, e logo tratou de posicioná-los na parede da sala. Sem perceber — o que confluía para lhe abalar os sentimentos em compunção —, eram restos de seu passado que alçara a pregos. Assim, cercava-se outra vez das feições que lhe tocavam, tão familiares... O pai, de boné, em férias conjuntas de parentes e amigos, as últimas que desfrutara com rara expansividade. Havia mais o flagrante, o grupo de irmãs casadas que o destino, tecendo e retecendo por caprichosos fios, levava-as para longe de seu carinho.

Nisso, bateram à porta. Indo ver quem era, deparou a criaturinha baixa, de ar risonho, que se apresentava:

— Desculpe. Sou a Maria José, a Mazé, vizinha do lado. Pensei que precisasse de ajuda. A gente . . .

Parou vendo o ar indeciso e talvez perplexo de Etelvina. Continuou:

— Acho que posso ajudar. Um adulto a mais melhora. Me mudei várias vezes, sei como é horrível chegar a outro ambiente, sem conhecidos, sem amigos. O vizinho é sempre uma interrogação. — Admitiu outra pausa, como se aguardasse o efeito que causava. — Agradava?

— Claro que sim! Entre — disse afinal a dona da casa.

Fez a visita passar para o meio da sala. Apressada, desocupou a primeira cadeira que viu atulhada de pacotes, sem saber o que mais acrescentasse.

— Pois é, pensei: a iniciativa de fazer amizade não é de quem chega, mas de quem já está no lugar.

— Também estava pensando ir cumprimentar a senhora . . .
— Senhora? Pra que esse luxo de tratamento?
— Obrigada.
— E os meninos?
— Só um, Alfredo. Tem doze anos. Viu fruteiras no quintal. Nem sei que artes andar­á fazendo por lá!

Pela janela aberta entornou-se o ruído da rua, do ônibus se afastando da parada próxima, rangendo nas ferragens desgastadas. Vozes de crianças, choro de menininho, tudo tão de repente, numa só lufada de ar, carregada de vida, com a presença humana do bairro a recolher para o jantar.

— Se incomodo, me retiro. A intenção, creia, é ajudá-la . . .
— Que é isso! — Teve para confessar a verdade; aqueles arruídos de rua davam-lhe uma sensação de vida doméstica, normal, que já não lograva.
— Ah, pendurou os retratos! Quem é a simpática senhora de branco? Só pode ser . . .

— Minha mãe. Foi quando . . . — Calou-se. Vontade de explicar tudo. O casamento durara uma porção de anos, mas o que os outros chamavam de felicidade só experimentara até o segundo ano . . . As novelas de televisão contaram antes o que acabou ocorrendo em sua própria vida. Agora, de tudo que acontecera, restavam o filho e ela. Adiantava pouco revelar detalhes de história que se consumava numa única frase: “Não gosto mais de você”.

A vizinha, fugindo à confissão desagradável, pressentida, foi empurrar o sofá para lugar que lhe parecia mais conveniente.

— Esse pessoal de mudança pega nos nossos objetos como quer, caia ou não em lugar apropriado. Não são donos, n’ê? Quebraram alguma coisa da senhora?

— Me chame Etel . . .
A outra persistia alheia a emoções, desembaraçada:
— Onde boto este jarro?
— Nem sei direito, criatura.

Arredaram móveis. Etelvina, mais confiada, mostrava os enfeites que conservava desde o tempo de solteira.

— Vê-se que a senhora — parou, consertando a distância do tratamento — que você gosta de tudo nos lugares, não perde nada. Que beleza!
— Cada um com a sua maneira de ser . . . e também de sofrer.

Arrependeu-se por ter falado assim. Bem ao fundo do coração a ferida do sentimento incontentado por alguém, contraiu-se dolorosamente. “Se não fora o desinteresse do marido, desatento às prendas que tinha, podiam estar ainda vivendo juntos . . .”

Fastaram um divã. Puxaram o tapete de cores fortes, recém-desenrolado, para o centro da sala. E o coração de Etelvina chagado. Não são pala-

vas e frases — “Oh! como ficou lindo!” — “Muito obrigado . . .” — “Assim você se cansa . . .” — que pretende dizer. Vem-lhe irreprimível necessidade de se lastimar.

— Olha, pegue por igual. Fazemos força, juntas.

Depois de mais algum tempo, suspenderam o trabalho. Nem viram quando Alfredo entrou, vindo postar-se curioso entre as duas, a saborear uns restos sumarentos de fruta.

— Ai, como cansa!

— A gente podia tomar café — propôs Etelvina.

— Boba! Está tudo ainda fora dos lugares e mesmo é mais chatice ligar o gás, acender o fogão agora . . .

Avistando a criança:

— Como é bonito o meu lindo! Queria ter filho assim.

— Agradece, Alfredo. O elogio de d. Mazé é de amiga.

O menino riu, atento ao ar íntimo, descontraído, da vizinha que, arrepanhando as abas da saia, com um “uf!” de alívio, se sentara na cadeira de balanço.

— Sabia que ia enfadar-se.

— Ora, não se preocupe! Vem cá, Alfredo. Dá o beijo da tia . . .

— Você não é minha tia.

— Que é isso, filhinho?

— Deixe, Etel. Deixe! . . . — E após um momento, que passou logo — É bom ter filho assim, não é? Ah, um rapazinho para fazer companhia . . . Como serve!

E a outra, triste:

— Ameniza a solidão . . .

— Ah, a solidão . . .

As duas como que se arrepiaram diante da palavra que acabavam de pronunciar.

Foi quando o vento, soprando forte, abriu a porta da rua, e Maria José percebeu haver escurecido por completo. De repente, lembrada de suas responsabilidades, como dona de casa, explicou que ia alertar a empregada para o jantar do marido . . .

— Tenho igualmente o que arrumar.

— Amanhã, sendo domingo, espero acabar esse sacrifício. Sua ajuda foi valiosa. Sem ela, ai meu Deus!

— Me retiro pela necessidade. Não fosse o marido vir voltando para casa, ficaria mais tempo com você. Compreenda. Ele quando chega quer tudo à mão, toalha para o banho, o chinelo perto da cama . . .

— Ah, como entendo!

— Pensa que fica nisso? Reclama calor, sal em excesso, e até implica com o horário da novela . . .

Abanou-se com a saia godê, erguida a gesto de acentuada despreocupação.

— Vou indo. Precisando de meus préstimos, não se acanhe. Bata na parede do lado ou mande o seu príncipe pedir, seja o que for. Tcháu!

Ausentou-se apressada, envolvida pela noite iluminada. Etelvina largou-se na primeira cadeira que viu. Estava sem ânimo. É que lhe vinha aos sentidos, em acometimento cruel, a caracterização do anoitecer, de criaturas regressando aos lares. O odor suave, penetrante, de pão recém-saído do forno intrometeu-se entre ela e o filho, a conformar ainda mais em seu pensamento a idéia desejável de mesa posta para três pessoas, a conversa convencional, vulgar, sobre os sucessos do dia . . .

Ela nem ao menos se estimulou a acender o lustre da sala, como se a atmosfera penumbrosa, em que se metia, fizesse parte do cenário de sua existência.

E tudo piorou, muito, quando o filho, indo se aninhar em suas pernas suadas, qual pessoa adulta, curiosa e sentida, perguntou:

— Mãe, que é solidão?